

## CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

EDIÇÃO 1301/1302 – Ano 30; 4ª Semana de Junho/1ª Julho 2016.

### Breaking Bad (Temp.1 Ep. 10) Comércio internacional, valor e luta de classes.

JOSÉ MARTINS.

Além de incapazes de definir a natureza das crises econômicas capitalistas, os economistas não conseguem enxergar nem os sinais anunciadores da próxima grande crise que se aproxima. E muito menos decifrá-los. Não é para passar despercebido, por exemplo, o que acontece neste ano no comércio internacional de importação e exportação de mercadorias. No entanto foi solenemente ignorado pelos economistas, pelos homens do mercado e até pela mídia global. Não perdem por esperar.

O que se sabia, até esta semana, era que o ano de 2015 já tinha registrado a maior reversão do comércio desde a última crise periódica de 2008/2009. Mas, em termos de volume, como se vê na curva abaixo, a imagem não parecia tão



preocupante. Afinal, o volume das mercadorias comercializadas entre as nações cresceu 2.8 % no ano. Contudo, ficou abaixo do crescimento econômico global de 3.1 % no mesmo período, estendendo assim uma tendência depressiva à economia global. Note-se que antes da crise econômica de 2008, o comércio internacional crescia pelo menos o dobro do produto global. Por décadas.

Cresceu em média 5% ao ano desde 1990. A partir de 2011, entretanto, o crescimento do volume comercial desacelerou para se alinhar (e depois ficar abaixo) ao crescimento do produto global. Só esse fato já serviu para despertar preocupações com o futuro da economia em alguns economistas mais atentos ao processo. Não tanto com a dinâmica real do ciclo econômico. Preocupações mais genéricas. Como a de que essa perda de dinamismo do volume do comércio poderia representar o fim do longo período de aprofundamento da globalização do capital desde os anos 1980. A preocupação é pertinente. Muito pertinente. Mas desfocada das suas raízes. O simples movimento do *volume do comércio* é muito estreito para discerni-la. O comércio internacional deve ser observado para além de um amálgama de estruturas de concorrência, taxas de câmbio, barreiras nacionais. Como expressão de um processo de produção e de reprodução (acumulação) do capital global. A produção global determina o comércio

internacional e respectivas políticas econômicas nacionais, em especial suas políticas cambiais.

Além da simples circulação (e circularidade) dos economistas encontra-se a circulação desenvolvida do capital, o mundo real das mercadorias. Da ideia da mercadoria simples à realidade da mercadoria-capital. O volume das utilidades que se subordina aos seus preços e à taxa de lucro média neles embutida. Assim,



no próprio âmbito do comércio internacional, descobre-se que há coisas mais importantes a serem observadas que o isolado **volume de mercadorias** trocadas entre as nações. Por exemplo, o **comércio internacional em valor**. Ao se abandonar os preconceitos da economia vulgar as coisas mudam de figura. Vão além da simples mudança de

método de medição da magnitude do comércio. Como é ilustrado pela curva do **comércio internacional em valor** acima, que fotografa fantástica deflação mundial. Essa foto pode ser desconstruída com os próprios dados fornecidos pela Organização Mundial do Comércio (OMC) <sup>1</sup>. Os técnicos da OMC detectam corretamente que o fraco, porém ainda positivo crescimento (2.8 %) do **volume** do comércio internacional das mercadorias em 2015 contrasta fortemente com o abrupto declínio de 13 % daquele mesmo comércio em **valor** (dólar) – de US\$ 19 trilhões em 2014 para US\$ 16.5 trilhões em 2015. A constatação é correta, mas a explicação é apressada e altamente superficial: “*Esta discrepância [entre volume e valor do comércio] deveu-se principalmente às grandes flutuações dos preços das commodities e das taxas de câmbio, dirigidas elas mesmas pela desaceleração do crescimento da China, a resiliente produção de petróleo nos EUA, e políticas monetárias entre as principais economias. A volatilidade nos mercados financeiros também erodiu a confiança de empresários e consumidores e pode também ter contribuído para reduzir a demanda global para certos bens duráveis*”. <sup>2</sup>

Para avaliar mais corretamente essa discrepância deve-se levar em conta que a referida erosão do **comércio em valor** não é um fenômeno isolado ao ano de 2015. Ela já se formou antes que ocorressem os fatos mencionados pelos economistas da OMC. Deve ser avaliada em seus desdobramentos ocorridos na totalidade do atual ciclo econômico (2009/2016). O “curto prazo” deve ser subordinado à duração dos períodos de um ciclo de negócios. O quadro abaixo com os **índices mundiais de exportações em valor (US\$) de diversos países selecionados** pode ajudar na análise deste processo.

<sup>1</sup> World Trade Organization (WTO) - *Quarterly world merchandise trade value* - last update 16/06/2016.

<sup>2</sup> World Trade Organization (WTO) - “*Trade growth to remain subdued in 2016 as uncertainties weigh on global demand*”, 7/Abril/2016.

Ano/Trim.	Mundo	EUA	China	Japão	Alemanha	França	México	Brasil
2008T2	1.00	1.00	1.00	1.00	1.00	1.00	1.00	1.00
2009T1	0.62	0.72	0.68	0.60	0.64	0.66	0.62	0.60
2013T4	1.11	1.13	1.64	0.90	0.92	0.89	1.25	1.23
2015T1	0.92	1.10	1.42	0.80	0,82	0.74	1.13	0.82
2015T4	0.93	1.09	1.69	0.77	0.82	0.75	1.21	0.90
2016T1	0.84	1.02	1.28	0.76	0.80	0.72	1.07	0.78

Fonte: World Trade Organization (WTO)

No comércio internacional a variável *exportação em valor* exprime melhor as condições produtivas e de formação dos preços da economia mundial e das diferentes economias nacionais. O mercado mundial, nunca é demais repetir, é o espaço em que a lei do valor-trabalho pode se realizar em toda sua plenitude. E ao invés de uma abstrata demanda internacional para consumir um dado volume ofertado de mercadorias simples (utilidades) - como imaginam os economistas em geral - trata-se de uma demanda internacional para realizar um preço e uma taxa de lucro pré-determinados ainda no processo global de produção de capital, nas estruturas das modernas cadeias produtivas globais de valor. Não se trata da realização das mercadorias em um tempo indeterminado qualquer - ao sabor de incertas políticas monetárias, cambiais, protecionistas, etc. - mas estritamente no tempo das diversas fases de um determinado ciclo periódico de produção e de superprodução de capital global.

No quadro acima de **exportações em valor** as *economias nacionais* foram selecionadas pela importância na economia mundial ou em suas respectivas áreas geoeconômicas; também pelo seu impacto na dinâmica do ciclo econômico e das crises de superprodução nas últimas décadas. Os anos e trimestres escolhidos correspondem aos pontos mais elevados do ciclo anterior e do atual - 2º Trimestre 2008 (2008T2 na tabela) e 4º Trimestre 2013 (2013T4) - assim como ao buraco de 2009 (2009T1) e à evolução trimestral nos últimos dois anos. Verifica-se, primeiramente, que entre o pico do ciclo anterior (2008 T2) e o primeiro trimestre de 2016 (2016T1) as **exportações mundiais** cresceram 24.5 % **em volume** e diminuíram 16.0 % **em valor**. A discrepância é bem maior que a verificada pelos técnicos da OMC para o ano 2015 isoladamente. Mas na perspectiva da totalidade do ciclo a queda em 2015 (13.0%) é extremamente significativa. Corresponde a uma aceleração de final de ciclo, a uma profunda deflação global que pode se materializar em uma derrocada global já nos próximos trimestres deste ano.

No ciclo anterior (2002/2008), os preços subiram continuamente por seis anos, até 2008T2, desabando abruptamente nos três trimestres seguintes, até o buraco de 2009T1. Mas iniciou a recuperação no trimestre seguinte (2009T2). O boxeador sentiu um golpe muito potente, ficou de joelhos, mas levantou-se rapidamente. Crise parcial.

No ciclo atual (2009/2016), o valor das exportações subiu mais rapidamente nos quatro primeiros anos do que no ciclo anterior. Mas parou por aí. Em 2013T4, ponto mais elevado do ciclo atual, o valor das exportações mundiais estava 11 pontos percentuais acima do ponto mais elevado do ciclo anterior. Não é pouca coisa. Recorde histórico. Isso quer dizer que na totalidade do mercado

mundial houve recuperação real da acumulação e da taxa geral de lucro. O comércio internacional não foi interrompido. Muito menos ocorreu o fim da globalização do capital, que, como vimos acima, alguns economistas se apressam a decretar aos primeiros sinais de mais um fechamento de ciclo.

Mas a deflação global começa a se manifestar, de repente, entre 2014 e 2015. Em 2016T1 o valor das exportações mundiais já estava 27 pontos percentuais abaixo de 2013T4. No encerramento do ciclo anterior, a queda entre o ponto mais elevado (2008T2) e o buraco (2009T1) registrou 38 pontos. O mergulho para a deflação no ciclo atual foi mais intenso em 2015. Já vimos a taxa anteriormente. Mas no primeiro trimestre de 2016 (2016T1) acelerou mais que nunca: robustos nove pontos percentuais de queda frente ao trimestre anterior (2015T4). O boxeador sofre uma saraivada de golpes que pode levá-lo ao nocaute que ele conseguiu escapar na última luta. Torcida não falta.

EUA e China eram as duas economias que ainda se mantinham acima da média mundial em 2016T1. O México também, mas as exportações de suas *maquiladoras* não têm nenhuma importância estratégica na dinâmica global e mesmo regional. Trata-se apenas de um pobre apêndice terceirizado para montagem das empresas globais - norte-americanas, principalmente. De maneira menos direta, o desempenho das exportações chinesas também reflete uma rígida submissão às cadeias produtivas globais comandadas monopolisticamente pelas grandes empresas globais norte-americanas, europeias e japonesas. Por isso, do mesmo modo que para o México, a deflação do valor das exportações chinesas segue relativamente indexada ao valor das exportações dos EUA. Na virada do último trimestre do ano passado (2015T4) para o primeiro deste ano (2016T1) a deflação chinesa desabou 41 pontos percentuais. Nunca se viu nada igual.

O caso do Brasil é um pouco diferente de México e China. Do mesmo modo que a Argentina, que não foi listada na tabela acima, sua submissão à ordem imperialista, ainda não está totalmente atualizada para o sonho de suas classes dominantes e seus eunucos economistas de integração às imundas cadeias produtivas globais de valor, o mesmo caminho trilhado há mais tempo por México e China. Tanto para Brasil como para Argentina esse sonho das suas burguesias cucarachas torna-se pesadelos cada vez mais insuportáveis. A impossibilidade de se tornarem felizes mexicanos ou chineses (principalmente mexicanos) é a natureza mais profunda de suas crises econômicas atuais e sua crescente ingovernabilidade. É essa tragédia dos tolos que é devidamente registrada pela derrocada deflacionária do valor de exportações brasileiras, que aparece nos índices da tabela acima: 45 pontos percentuais desde 2013T4. Catástrofe chinesa, pelo menos.

A crise dessas grandes economias dominadas tende a explodir para valer com a derrocada deflacionária que atinge novamente as maiores economias dominantes do mundo. Dentre estas últimas, Alemanha e Japão caminharam durante todo o ciclo em incrível sincronia deflacionária rumo ao precipício. Lenta e gradualmente. Japoneses e alemães sempre foram culturalmente muito disciplinados. As duas grandes potências econômicas das áreas europeia e asiática apresentaram sempre índices de deflação piores que a média mundial, o que quer dizer que o próximo choque deve ser inicialmente mais destrutivo nas suas respectivas áreas que nos EUA. Os choques econômicos não são nem um pouco disciplinados.

Pensando no fato que a intensidade da luta de classes varia de acordo com a gravidade dos problemas econômicos, incluímos de passagem a segunda potencia europeia no quadro acima. Os índices de deflação das exportações da França apontam milimetricamente que na próxima crise os problemas de sobrevivência dos seus capitalistas e demais parasitas da pátria serão significativamente mais difíceis de serem enfrentados que na Alemanha e Japão. Problemas que já se antecipam e explodem nas ruas e na ordem do dia da tradicional democracia francesa. O Estado reforça seu arsenal de guerra contra o proletariado. Mesmo antes da detonação da crise global que se aproxima o governo francês já mostra suas armas para salvar a propriedade privada, o Estado e o capital. Não se trata - como as almas boas da esquerda poderiam imaginar - de um governo fascista ou de uma idiota direita qualquer. Tão nobre tarefa exige agentes mais eficientes. Os velhos socialdemocratas salvam os parasitas. Assim, a chamada “loi travail” - imposta à revelia da aprovação do parlamento francês pelo governo socialista de François Hollande sobre a tradicional e ao mesmo tempo jovem classe operária da França - já mostra como a agudização dos problemas econômicos que estamos a tratar revelam didaticamente aos menos informados os instintos totalitários e assassinos dos mais ferrenhos defensores da democracia e da civilização. *Un lendemain qui chante!*<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup>*Nous sommes la jeunesse ardente*

*Qui vient escalader le ciel*

*Dans un cortège fraternel*

*Unissons nos mains frémissantes*

*Sachons protéger notre pain*

*Nous bâtirons un lendemain qui chante.* — (Paul Vaillant-Couturier, *Jeunesse*, 1937)